



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à fábrica de placa-mãe e à linha de montagem de computadores da Positivo Informática

Curitiba-PR, 12 de março de 2010

Olhem, primeiro, minhas queridas e queridos trabalhadores e trabalhadoras, companheiras e companheiros, eu, eu sinceramente estou alegre, emocionado e motivado.

Eu queria, primeiro, cumprimentar os companheiros que estão aqui, o Pessuti, que está representando o Governador,

O nosso companheiro, senador Osmar Dias, que está aqui. Não sei se o nosso companheiro, o outro senador, está por aqui. Não está. Não, o Osmar eu já falei. O Flávio Arns não está aqui.

Os nossos queridos deputados,

O nosso querido prefeito,

Os nossos queridos ministros,

Os deputados federais,

Mas, sobretudo, cumprimentar dois brasileiros... na verdade, três brasileiros. Dois, o Oriovisto Guimarães, presidente do Grupo Positivo Informática; o Hélio Rotenberg, presidente da Positivo Informática e a companheira Susi Darley Ribeiro, diretora do Sindicato dos Empregados de Empresas de Processamento de Dados do Estado do Paraná.

E cumprimentar nossas queridas e queridos companheiros da Positivo.

Olhem, meu caro Oriovisto e meu caro Hélio, eu estou boquiaberto. Eu conheço muitas fábricas, já fiz assembléias em muitas fábricas, mas eu penso que é a primeira fábrica que eu visito que tem uma média de idade, eu diria, talvez, no máximo até 25 anos de idade. Bem mais jovem do que a média de



idade do time do Corinthians, bem mais jovem, bem mais jovem. Talvez... o atleta tem que ser novo e forte fisicamente. Vocês são muito jovens. E qual é o meu alento? Qual é a coisa que me deixa feliz?... e aqui eu queria... eu não vou falar, eu não vou falar, companheiro Oriosvito, companheiro Hélio, das políticas do governo. Eu não vou falar porque também seria redundância ficar dizendo aqui: nós fizemos isso, fizemos isso, fizemos aquilo, sabe? O resultado está aqui.

Primeiro, dois empresários que não tinham nada a ver com produção de computadores. Um era um simples professor de Madureza e cursinho, foi professor até de outro aqui. Companheiro da Dilma na infância, na adolescência e na juventude. Companheiro de militância política. Resolveram, um belo dia, fazer computador para atender as demandas das suas escolas. É engraçado isso, não é? Porque na vida das pessoas muitas vezes as coisas acontecem sem que a gente tivesse programado acontecer. E, possivelmente, eles começaram a fazer isso no momento que já estava perto de eu ganhar as eleições para Presidente da República.

Vejam o destino. Em 2003 nós chegamos à Presidência. Nós começamos a discutir a possibilidade de facilitar que um computador pudesse chegar à casa das pessoas mais humildes deste país. E foi uma loucura, uma loucura, porque, entre a gente ter a ideia de criar um computador para todos e depois a gente ter a ideia de fazer com que a prestação desse computador coubesse no orçamento das pessoas que ganhavam menos, no Brasil. Nós levamos, Dilma, mais de um ano e meio discutindo. É inacreditável o tempo que a gente perde discutindo o óbvio. Porque só tinha um jeito de você fazer o computador chegar na mão das pessoas mais humildes: era você tornar o preço desse computador acessível às pessoas.

E, no governo, eu dizia para os companheiros da área econômica o seguinte: a parte mais pobre da população, muitas vezes, ela não tem nenhuma preocupação com o preço final do produto. A maior preocupação é



saber se a parcela mensal que a gente vai pagar cabe dentro do orçamento da gente. Basta a gente poder ter uma parcela mensal que não atrapalhe a comida da gente, que não atrapalhe as outras coisas que a gente faz, o orçamento natural de uma pessoa, a gente vai poder comprar um computador. Mas, mesmo assim, nós demoramos um ano e meio para chegar à conclusão de que era possível. E aí chamamos lojas para conversar, chamamos as Casas Bahia, chamamos o BNDES, chamamos os bancos privados e públicos. Era um inferno, sabe por que, Hélio? Porque ninguém queria financiar nada. Era um inferno, porque as pessoas não acreditavam que... “Ah, nós vamos financiar, as pessoas não pagam, vão dar o cano”. E a gente dizia: “Gente, a parte mais pobre da população não dá cano, porque a única coisa que a gente tem de valor é a honra da gente e o nome da gente. Então, a gente não costuma “dar cano”. Mas isso não era uma coisa fácil, isso era briga. E quando chegava no mundo acadêmico era mais difícil ainda.

Até que nós fizemos uma combinação, colocamos uma linha no BNDES. As Casas Bahia e outras lojas se dispuseram a vender, e nós começamos, então, a fazer o computador chegar na casa dos mais humildes. Ou seja, no fundo, no fundo... Vocês viram o Hélio dizendo, era uma empresa pequena, só tinha 500 trabalhadores, produziu, em 2004, acho que 21 mil computadores, merreca, coisinha pouca.

E aí, o que aconteceu? Eu posso dizer para vocês que embora a Positivo exista há 20 anos, ela foi criada bem antes de eu chegar no governo, foi criada pensando em ser uma fábrica auxiliar das escolas deles. Foi exatamente durante o período do nosso governo que a Positivo se transformou na maior fabricante de computador do nosso querido país. Ganhando, inclusive, de empresas multinacionais. E eu não tenho dúvida nenhuma que vai crescer muito mais. Porque o povo mais humilde tem... tem algumas paixões na vida da gente. Quando eu tinha a idade de vocês, a paixão nossa era ter um carro. Um fuscão. A minha geração sonhava com um fuscão 1600, estão



lembradas? Tinha que ter dois, fazer barulho, era... já viram a música Fuscão Preto? Todos nós queríamos ter um fuscão preto. Hoje, também, tem outros sonhos nossos. Toda moça sonha em casar com um cara bonito, trabalhador, bem de vida, sério e respeitador de família. Todo homem sonha em casar com uma mulher bonita do mesmo jeito. Todo mundo sonha ter uma casa. Mas hoje, todo mundo quer ter um computador. Aliás, o computador, Dilma, está ficando uma coisa tão perigosa, Gleice, que eu acho que as mulheres levantam de manhã, antes de falar bom dia para o marido, pegam o computador e vão limpar ele e sentar na mesa para começar a ver notícias. Alias, tem mulher que está levando o computador para a cama. Para conversar com o computador. O marido fica falando, falando e a mulher fala: “não atrapalha, eu estou aqui viajando”.

Então, o computador, ele virou hoje quase que uma necessidade. É quase como o oxigênio que a gente respira no mundo do trabalho. Uma prefeitura não funciona mais sem computador, o governo não funciona sem computador, ou seja, nada hoje funciona sem computador. E eu vi a Positivo, fui lá ver as amostras dos computadores que eles estão produzindo, são de qualidade que não tem que ter preocupação de enfrentar nenhuma empresa americana, japonesa, chinesa, alemã, norueguesa, holandesa. Porque o brasileiro, do ponto de vista da criatividade, e do ponto de vista da competência não deve nada a ninguém. E o que me deixa feliz? É saber que vocês estão aqui, muitas e muitos estão com o seu primeiro emprego. E eu queria fazer um apelo de um homem que tem cinco filhos: é que vocês, por favor, não parem de estudar.

O mundo, o mundo moderno, neste século XXI, ele vai precisar de muito mais inteligência do que o século passado, do que o outro século. Ou seja, o que vai fazer uma nação ficar rica é a capacidade educacional do seu povo, é a formação profissional do seu povo, é investimento em ciência e tecnologia. É por isso que quando nós mandamos para o Congresso Nacional a nova Lei do



Petróleo, para explorar o pré-sal que a Petrobras encontrou, nós colocamos lá que, [de] uma parte do dinheiro do pré-sal, vai ser criado um fundo para investir em educação, e ciência e tecnologia. Ou seja, nós, o Brasil precisa ser um exportador de conhecimento, de inteligência. E o nosso povo, na hora que tem oportunidade, está provado que nós somos invencíveis, eu diria quase que imbatíveis, se a gente tiver oportunidade.

E eu vejo aqui, companheiros Oriovisto e Hélio, que vocês estão em uma fábrica onde essa menina tem que ter oportunidade. Ou seja, era preciso que a gente criasse uma política de incentivo, o governo federal está disposto a participar junto com vocês, para que essas meninas e esses meninos não deixem de estudar. Porque o Brasil, você sabe que o Brasil passou muitos anos sem formar engenheiros, e os poucos engenheiros que eram formados, de 80 para cá, iam trabalhar no mercado financeiro, não iam trabalhar em engenharia. Nós chegamos a ter, em 1989, 48 consultores... 48 mil escritórios de consultoria em engenharia. Em 2002, a gente só tinha oito mil. Significa que a gente tinha parado de formar engenheiros no País. E um país nunca será grande e desenvolvido se a gente não tiver muita gente formada em engenharia.

Eu acho que vocês precisam ter isso em mente: o futuro de vocês não está apenas no fato de vocês terem esse emprego aqui. Esse emprego é o alicerce que vocês precisam para subir mais um degrau na vida, para estudarem e serem um pouco mais do que vocês são, para que vocês garantam para os filhos de vocês algo muito melhor do que aquilo que vocês receberam dos seus pais. É assim que a humanidade caminha, e é assim que a Positivo caminha, e é assim que este país caminha.

Eu queria, Hélio, dizer a você e ao Oriovisto: um abraço muito carinhoso. Vocês são vencedores. Eu fico feliz toda vez que encontro com alguém que é vencedor, alguém que acreditou. Porque este país teve um tempo que tinha reserva de mercado na área da informática, só tinha uma empresa que cuidava



disso, e essa empresa não cuidou, porque, como não tinha competitividade, ela não cuidou. Precisou entrar dois baixinhos dispostos a fazer acontecer e, hoje, o Brasil pode se transformar no terceiro maior produtor de computador. E estejam preparados, porque a banda larga vai sair, ela vai sair. Nós... ou as empresas privadas fazem parceria com o governo e a gente faz o que tem que fazer, ou o governo estará preparado para fazer, se as empresas não quiserem fazer. Mas nós vamos levar banda larga onde for necessário levar, porque nós achamos que todos os brasileiros têm que ter igualdade de oportunidade.

Um grande abraço aos diretores e aos trabalhadores da Positivo. Que Deus abençoe todos vocês.

Agora, quero dizer que vocês fizeram a primeira greve que eu não gostei, hoje. Porque eu, eu vim aqui, sabem qual era o trato de eu vir aqui? Eu queria ver a linha de produção funcionando, porque eu queria ver como é que faz o primeiro computador, como é que entra a primeira peça e quando é que o “bichinho” sai pronto. Qual não foi a minha surpresa que eu entrei ali e estava todo mundo parado, não produziram o computador que eu queria ver.

Mas, de qualquer forma, eu volto outra vez, é uma razão para eu voltar outra vez e ver vocês produzirem o computador. Um abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)